

ROUBAUD, Jacques. Brasil, França e os Animais de todo o mundo. Cosac Naify, 2006

Júlio Abreu¹

Os animais de todo mundo (Cosac Naify, 2006), livro de poemas do francês Jacques Roubaud, foi traduzido para o português por Paula Glenadel e Marcus Siscar. Além de ser considerado um poeta importante em sua língua, Roubaud é também matemático e fez parte, na década de 60, do grupo experimental OuLiPo – Ouvroir de la Littérature Potentiel, algo como Oficina de Literatura Potencial, ao qual pertenciam matemáticos e escritores como Raymond Queneau, autor de *Zazie no metrô* (Cosac Naify, 2009), traduzido por Paulo Werneck. Roubaud teve outro livro de poemas traduzido no Brasil, *Algo preto* (Perspectiva, 2005), com tradução de Inês Oseki-Dépré.

O livro *Os animais de todo mundo* compõe-se de 60 poemas (1 poema introdutório e 59 poemas dedicados, cada um, a um animal diferente). Compõe-se ainda de uma carta ao ouriço (em que o autor lhe expõe seu método de construção dos textos) e um posfácio, onde o escritor Dominique Moncond'huy dá voz aos cachorros que questionam a ausência de um poema dedicado a eles e o reivindicam. O livro tem ilustrações da artista plástica Fefe Talavera (Fernanda Salinas Talavera), que fazem parte apenas da edição brasileira. No final do volume o leitor encontra os poemas no original em francês.

Quase todos os poemas do livro têm a forma de soneto, outros são variantes dessa forma – o autor se permite, com bastante liberdade, acrescentar versos, já que um soneto é composto de 14 versos (2 quartetos e 2 tercetos). Os versos são rimados, mas, em muitos poemas, a métrica e o ritmo são irregulares, ou seja, alteraram o número de sílabas de um verso para outro.

¹ Júlio Abreu, formado em Letras (PUC Minas) e cursando Design Gráfico (UNI-BH), trabalha como livreiro. Publicou *Atrito* (Espectro Editorial, 2005), com desenhos de Ananda Sette, e edita com Ricardo Novais a coleção de poemas e desenhos *Relógio do Rosário*.

Uma característica predominante nos textos é o humor, como se pode ler, mais adiante, no poema “As pombas de Paris”. A *persona* poética, quando não fala dos animais, fala para eles ou, em outros momentos, são esses animais que nos falam.

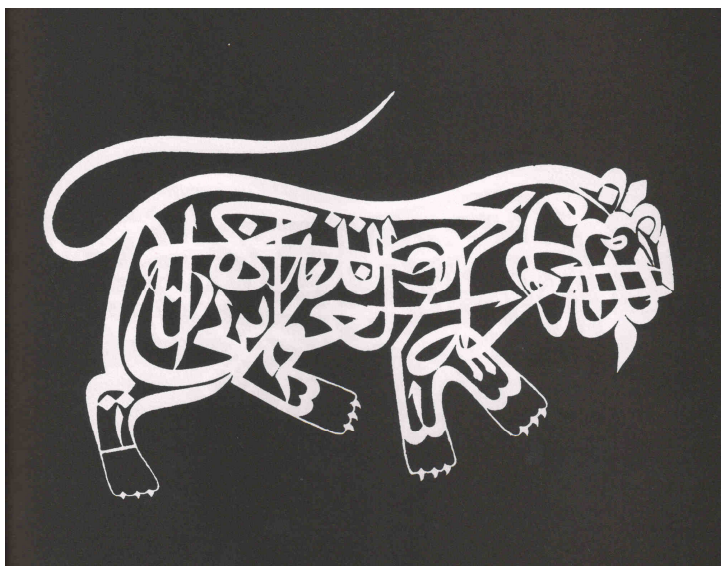
Um ponto do livro a ser ressaltado são as ilustrações de Fefe Talavera – a artista faz bichos usando caracteres tipográficos em preto e branco. Para compor a imagem são utilizados letras, números e outros sinais gráficos tais como os sinais de pontuação. A tipografia é utilizada em suas muitas formas: tipos de famílias diversas com letras maiúsculas, minúsculas, regulares (também chamados de romanos ou redondos), itálicas, negritos, condensadas, etc. Também são variadas as categorias de tipos: estilo antigo, moderno, serifa grossa, sem serifa, manuscrito e decorativo.

As ilustrações de *Os animais de todo o mundo*, aproximam-se, de algum modo, dos caligramas do poeta francês Guillaume Apollinaire (1880-1918). Porém, em Apollinaire, as letras formam frases que são arranjadas de maneira a que o texto verbal tenha a forma da coisa representada, como se pode notar no poema em forma de torre. Recentemente, 24 caligramas foram traduzidos para o português por Álvaro Faleiros para o livro *Caligramas* (Ateliê Editorial, 2008).

Há uma tradição de trabalhos visuais usando tipografia, ainda anteriores a Apollinaire, como se vê na pintura mural, da Turquia, no século XIX. As letras no corpo do tigre compõem uma inscrição muçulmana que diz: “Em nome do leão de Deus, da face de Deus, do vitorioso Ali, o filho de Ebu Talet”, mencionada por Augusto de Campos na nota de uma tradução em *Viva vaia* (Ateliê Editorial, 2001).

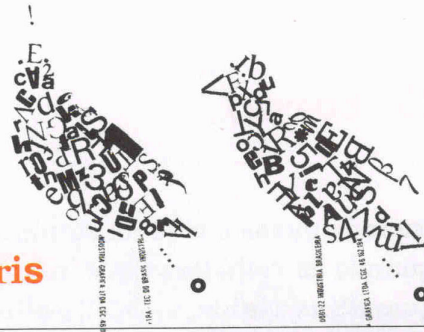
Recuando um pouco mais no tempo é possível ver outras aproximações das ilustrações com algumas pinturas de Giuseppe Arcimboldo (1527-1593), como por exemplo na tela *Verão*, de 1573, uma cabeça de perfil feita apenas de frutos e folhas. A semelhança reside no processo de montagem para formar a imagem.

O humor, mencionado antes como elemento dos poemas, é uma característica que se encontra também nas ilustrações. Há uma espécie de jogo de esconder, tanto nos poemas como nas imagens – alguns poemas parecem esconder um soneto sob a forma de uma variação. E nos “Bichos tipográficos” de Fefe Talavera, animais representados apenas com os caracteres tipográficos – o único recurso visual usado pela artista –, permitem que se crie certas nuances a nos dar a impressão de movimento, que nos surpreende pela expressividade, como se estivesse vida ali. Dessa expressividade resulta o caráter lúdico das ilustrações, que talvez explique a sua escolha para fazerem parte da edição brasileira dos animais de Roubaud.



O
L A
M
U N
D O
D O
D O Q U
A L S O U
A L I N
G U A E
L O Q U E N
T E E Q U E
S U A B O C A
O P A R I S
A T I R E E A T I R A R Á
S E M P R E
N O S A L
E M A Ë S

As pombas de Paris



"Estas pombinhas cheias de estrumaginação"

[Raymond Queneau]

Elas cagam sobre a cidade ◦
nas árvores carros e bancos ◦
escolhem os prédios mais brancos ◦
para as suas necessidades

Estas pombas acinzentadas ◦
poluem com ácidos cocôs ◦
tetos fachadas vitrôs ◦
parques prefeitura sacadas ◦

Têm excelente pontaria
e me sujaram inteirinho
ao disparar a porcaria

mole como danoninho
E nada mais as seduz
em Paris Cidade Luz ◦